

## Fotojornalismo e/ou Fotoilustração de Gabriela Biló para Folha de São Paulo<sup>1</sup>

Julianna Nascimento TOREZANI<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### RESUMO

O fotojornalismo serve para apresentar visualmente as notícias, o modo como essa imagem é produzida se dá em função de como se interpreta o fato, tendo em vista que produz sentidos e gera reflexão. O objeto de investigação é a imagem que mostra o Presidente Lula atrás de um vidro trincado, feita por Gabriela Biló e publicada pela Folha de São Paulo em janeiro de 2023. O objetivo é analisar a cena e a repercussão gerada por esta através da abordagem teórica composta por Sontag (2004), Sousa (2004), Santos e Silva (2008) Rouillé (2009) e Buitoni (2011). As metodologias escolhidas foram: análise iconográfica e iconológica de Kossoy (1999) e abordagem cartográfica de Deleuze e Guattari (2011) e de Barros e Kastrup (2015). Resulta em observar as mudanças na produção do fotojornalismo e a repercussão pelo contexto político do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; Fotoilustração; Gabriela Biló.

### Introdução

O fotojornalismo tem a função de informar através de imagens, em que a captura de um instante deve conter toda a essência de um acontecimento, assim cabe aos repórteres fotográficos observar e registrar os fatos com precisão e responsabilidade, pois suas construções imagéticas servem para narrar visualmente as situações, apresentar as ideias e criar os significados e sensações através da interpretação das pessoas. Ludimila Wanderlei (2018, p. 55) afirma que os profissionais buscam “trazer à opinião pública um recorte de questões relevantes tomado do ponto de vista de um sujeito legitimado como produtor de sentido”. Deste modo, os veículos de comunicação devem selecionar as ocorrências, apurar os fatos, elaborar as notícias e tornar público o que é relevante e necessário às pessoas.

Para Jorge Pedro Sousa (2004, p. 12), “uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual”. Diante desta afirmação de Sousa, este trabalho tem como objeto de investigação a imagem feita pela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Professora de Fotografia e Iluminação do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestra em Cultura e Turismo e Bacharela em Comunicação Social pela UESC. Autora do livro *As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade* (Editus, 2022), e-mail: jntorezani@uesc.br

fotojornalista Gabriela Biló, publicada na capa da Folha de São Paulo no dia 19 de janeiro de 2023, mostrando o Presidente Lula atrás de um vidro trincado, através da técnica da dupla exposição, acompanhada da seguinte legenda “Foto feita com múltipla exposição mostra Lula ajeitando gravata e vidro avariado em ataque”, acompanhada da manchete “No foco de Lula, presença militar no Planalto é recorde”. Esta fotografia foi publicada em função dos ataques ocorridos em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, uma semana após a posse do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e do Vice Presidente Geraldo Alckmin, como rejeição dos apoiadores do candidato adversário que perdeu as eleições, onde prédios dos Três Poderes foram invadidos e destruídos, especificamente o Palácio do Planalto, o Palácio do Congresso Federal (que abriga a Câmara Federal e o Senado Federal) e o Palácio do Supremo Tribunal Federal.

Figura 1 - Foto feita com múltipla exposição mostra Lula ajeitando gravata e vidro avariado em ataque. Foto de Gabriela Biló.



Fonte: Folha de São Paulo, 19 de janeiro de 2023.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2023/01/19/index.shtml>

Tendo em vista o que apontam Ana Carolina Lima Santos e Benjamim Picado Sousa e Silva (2008, p. 4), “a fotografia carrega um valor de intencionalidade”. Assim, este estudo justifica-se por abordar as mudanças que ocorrem no fotojornalismo, em que pesa as formas de construção da imagem quanto às possibilidades narrativas, a utilização de aparatos digitais que vão da captura da luz ao tratamento da cena e aos cenários de convergência multimidiática que os veículos de comunicação estão inseridos. Mais ainda, pela afirmação de Boris Kossoy (1999, p. 52), que “toda fotografia tem atrás de si uma história” e no fotojornalismo ocorre a produção de uma imagem de um determinado lugar,

---

época e situação, ou seja, deve observar o contexto para entender a fotografia. Diante disso, é importante fazer os seguintes questionamentos sobre essa fotografia: Por que essa fotografia feita por Gabriela Biló gerou grande repercussão? Quais foram os significados atribuídos a imagem de Lula, através dessa foto, em função dos ataques ocorridos em Brasília? Essa cena publicada na capa da Folha de São Paulo é fotojornalismo ou fotoilustração?

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a imagem fotográfica de Gabriela Biló e a repercussão que esta gerou, sobretudo nas redes sociais, pelas interpretações recebidas, pela discussão em torno do fotojornalismo e da fotoilustração, pela forma como a imagem foi criada e o que esta representa. As estratégias metodológicas escolhidas para esta pesquisa foram a análise iconográfica e iconológica a partir das ideias de Boris Kossoy (1999) e a abordagem cartográfica desenvolvida por Deleuze e Guattari (2011) e Laura Barros e Virgínia Kastrup (2015), especificamente de conteúdo publicado no ciberespaço.

### **Fotojornalismo e Fotoilustração: diferenças e contextos**

Através da fotografia é possível saber e ver o que ocorre no mundo, ampliar nosso repertório cultural e refletir acerca dos problemas apresentados através das imagens, com isso joga luz sobre temas que são escolhidos por sua relevância social. Susan Sontag (2004, p. 22) evidencia a fotografia como uma forma de interpretação do mundo, visto que “[...] o ato de fotografar é mais do que uma observação passiva”, em que a(o) fotógrafa(o) ao elaborar o registro participa da situação com seu conhecimento técnico e estético e a interpretação da cena depende do contexto em que o espectador está, já que “toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio” (SONTAG, 2004, p. 33). Objeto esse que pode mobilizar atitudes para resolução de problemas, como criação de campanhas antiguerras, ações de preservação ambiental, formas de garantia de direitos humanos e mudanças políticas e econômicas, já que pela onipresença das câmeras nas situações que torna a realidade acessível.

Ao tratar especificamente do fotojornalismo, Jorge Pedro Sousa (2004, p. 12) aborda a atuação da(o) fotojornalista quanto a forma de perceber os fatos e criar a melhor imagem que os represente, assim “sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são

---

traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir”. Ao contar historicamente as fases ocorridos no fotojornalismo, chamadas por ele de “revoluções”, Sousa apresenta tanto as mudanças técnicas pelo uso de novos equipamentos com a melhoria da captura de luz pelas câmeras e lentes, quanto aos interesses de pautas dos vários momentos que vai da cobertura de guerras até a imprensa de escândalos, incluindo a discussão sobre a ética e a deontologia do fotojornalismo, sobretudo quanto aos direitos de autor, a invasão de privacidade e as tecnologias de manipulação das imagens, em que defende:

Poderá fazer-se manipulação fotográfica desde que o observador saiba que ela foi feita e em que moldes ela foi feita, e desde que sirva para tornar a comunicação fotojornalística em comunicação mais útil. Não se deve fazer alteração de fotografias caso esses pressupostos não existam (SOUSA, 2004, p. 117).

Neste sentido, a elaboração da fotografia jornalística sempre passou por modificações, mantendo a informação do fato em si, mas com a interpretação que é feita de cada situação e por cada pessoa que observa a realidade e cria uma cena. Neste ponto, podemos abordar a imagem criada por Gabriela Biló, em que a fotógrafa interpreta o contexto político do momento e explica através do seu perfil do Instagram (@gabriela.bilo) da seguinte forma: já que a depredação dos prédios dos três poderes em Brasília ocorreu há 11 dias e que o presidente poderia está um pouco aliviado tendo em vista que neste período foram tomadas medidas necessárias para resolver tal situação, desde a apuração até a punição dos envolvidos, por isso é escolhido um momento (durante um evento) em que ele ajeita a gravata e dá um sorriso. Em 19 de janeiro, Biló publicou um vídeo explicando como fez a foto e escreveu: “Pra mim, a foto significa que a vida continua em Brasília”<sup>3</sup>. E depois, na mesma data, publica um vídeo explicando como é a técnica da múltipla exposição por conta da repercussão que a imagem gerou:

Pra mim fotojornalismo é arte. Múltipla exposição é fotojornalismo. Tudo é feito na câmera, no olho, não tem montagem. Pra mim é uma foto resistência. Pra alguns é violência e morte. Todos os pontos de vista são válidos. Respeito todos e acho válido o debate sobre as regras não [sic] escritas do fotojornalismo. A verdade não é uma só (BILÓ, 2023)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cnm9LsAJTOj/> Acesso em: 03 ago. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnnEDdgOH3n/> Acesso em: 03 ago. 2023.

---

Por conta das diferentes leituras que a fotografia recebeu é importante observar em qual gênero a imagem se encontra. Partindo dos pressupostos teóricos de Sousa (2004) que estabelece seis gêneros para o fotojornalismo: fotografia de notícias que engloba as *spots news* (acontecimentos duros e imprevistos) e as notícias em geral ou *general news* (produções planejadas através de uma pauta); *features* que registra instantes fluídos de comportamento incomum mas com força visual; desporto que aborda ações desportivas e comportamentos relacionados a esporte; retrato que integra os *mug shots* (faces com emoções) e retratos ambientais; histórias em fotografia ou *picture stories*, considerado o gênero nobre do fotojornalismo, pois relata as diversas facetas de um assunto, podendo ser um foto-ensaio ou foto-reportagem; ilustrações fotográficas que podem ser associadas a manipulação de imagens pois podem ser produzidas. “As ilustrações fotográficas podem ser fotografias únicas ou fotomontagens, quer nestas se usem unicamente fotografias, quer se combinem outras imagens com fotografias. [...] Em alguns casos, as ilustrações fotográficas são a base da foto-opinião e da foto-análise” (SOUSA, 2004, p. 100).

Dulcilia Buitoni (2011), por sua vez, considera que a fotografia de imprensa constitui do fotojornalismo que demonstra informação e da fotoilustração que pode ter montagem e elementos gráficos com a finalidade de ser opinativa que serve a temas específicos. “A foto jornalística está vinculada a valores informativos e/ou opinativos e à veiculação num órgão dotado de periodicidade” (BUITONI, 2011, p. 90). As imagens fotojornalísticas tem relevância social e política e podem se tornar reportagens ou ensaios com o objetivo de interpretar o fato visualmente e se apresentam como documentos que comprovam os acontecimentos.

Pelo seu lado, a fotoilustração é feita a partir de diversas técnicas como colagem, montagem e edição, para além do tratamento digital da imagem e, ainda, “[...] a fotografia combinada com outros elementos gráficos, sempre com a finalidade de ilustrar uma ideia, um conceito ou auxiliar a compreensão de um fato, de um objeto, de um processo” (BUITONI, 2011, p. 91). Esse tipo de imagem tem a função de ser descritiva para elucidar algum acontecimento, podendo ser apresentada com um texto que esclareça os sentidos enunciados. “A fotoilustração procura mostrar um objeto, representando-o mimeticamente ou interpretando visualmente alguns dos seus traços essenciais” (BUITONI, 2011, p. 92).

Ainda tratando sobre as diferenças entre fotojornalismo e fotoilustração, Ana Carolina Santos e Benjamin Picado Silva (2008) abordam que a recepção das fotografias passa pelas etapas perceptiva e interpretativa, já que a imagem fotográfica busca evocar

no espectador sensações e emoções pelas estratégias de produção de sentido. “Se, por um lado, a foto-ilustração apela para dimensões distintas ou se utiliza de artifícios pouco usuais à fotografia jornalística; por outro lado, ela se coliga à função fotojornalística de mediatizar fatos e opiniões” (SANTOS; SILVA, 2008, p. 7). Enquanto o fotojornalismo tem a função testemunhal, a fotoilustração tem o caráter ficcional a partir da interpretação dos fatos.

Com isso, percebe-se que a foto-ilustração é capaz exercer um papel de operador cognitivo de ordem referencial, municiando análises e opiniões que, abalizadas nas notícias, tentam esclarecer um ou outro aspecto do fato que não é percebido tão claramente ou trazer julgamentos que visam formar opinião – funções admitidas no que se intitula jornalismo interpretativo e opinativo, respectivamente (SANTOS; SILVA, 2008, p. 10).

A partir das diferenças entre o fotojornalismo e fotoilustração que cabe a análise da imagem feita por Gabriela Biló, se por um lado o registro foi feito durante um evento com Lula e sindicalistas no dia 18 de janeiro é uma fotografia de notícias, mas além disso o registro do presidente aparece atrás de um vidro trincado com a legenda que indica a técnica de múltipla exposição, ou seja, informa o público sobre a construção da cena colocando-a como uma fotoilustração pela forma como foi produzida a luz da interpretação da fotojornalista e, ainda, há a possibilidade de ser uma imagem ambígua abordando informação e opinião. Essa leitura da cena que gerou também tamanha repercussão.

Nesta perspectiva da ambiguidade, vale ressaltar a teoria de André Rouillé (2009) que indica que a fotografia é produzida de acordo com cada época, podendo ser uma “fotografia-documento” que registra o acontecimento daquilo que está visível, ligada à sociedade industrial, ou “fotografia-expressão” que traz uma criação imagética com elementos de roteirização e encenação na interpretação da situação, ou seja, integra a subjetividade de quem idealiza e elabora a cena, ainda mais “a fotografia faz ver mais, ela permite sobretudo enxergar coisas diferentes daquelas oferecidas pelo desenho: produz novas visibilidades, abre as coisas, extrai daí evidências inusitadas” (ROUILLÉ, 2009, p. 40). Com mais essa camada de leitura, a fotografia de Biló teria essa dupla possibilidade, de ser fotografia-documento ao registrar um acontecimento, mas também ser uma fotografia-expressão pela subjetividade que a fotógrafa apresenta ao criar tal cena, deixando de ser representação, para elaborar uma intervenção, análise, opinião do

---

contexto político, ainda mais com a ampla repercussão que gerou com as manifestações pelas redes sociais.

### **Iconografia, Iconologia e Cartografia do Ciberespaço: repercussão da fotografia de Biló**

A análise da fotografia produzida por Gabriela Biló foi feita a partir da análise iconográfica, que consiste na decodificação de informações no documento fotográfico, ao observar desde os elementos de construção da imagem até a identificação do conteúdo, Kossoy (1999, p. 58) indica que busca-se nesta leitura “decodificar a realidade exterior do assunto registrado na representação fotográfica, sua face visível, sua segunda realidade”. Já foram expostos acima os elementos constitutivos da imagem quanto ao assunto, fotógrafa, tecnologia, espaço e tempo, bem como o inventário de informações codificadas do que compõe o conteúdo da cena, que mostra o presidente arrumando a gravata, com uma expressão alegre atrás de um vidro trincado.

Desse modo, cabe assim fazer a interpretação iconológica que, por sua vez, busca abordar a história do momento em que o fato foi registrado e o processo de criação da imagem, tendo em vista que “é o momento de lembrarmos que o documento fotográfico *é uma representação a partir do real*, uma representação onde se tem registrado um aspecto *selecionado* daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente” (KOSSOY, 1999, p. 59, grifos do autor), buscando os significados que a cena suscitou. Na imagem, Lula não olha para a câmera, está participando de um evento com sindicalistas no Palácio do Planalto, o gesto de ajeitar a gravata não é feito com uma indicação direta ao vidro quebrado, o sorriso ocorre pelo momento ali vivido, com isso Biló faz sua construção imagética partindo do real, selecionando um gesto que poderia compor esteticamente com a vidraça e organizando, pela técnica da dupla exposição, sua interpretação dos fatos. O testemunho fotográfico de Biló do evento em Brasília vem junto com a sua opinião e visão particular, já que aborda o fotojornalismo como arte, como exposto acima. Vale ressaltar que, muitas vezes, (as)os repórteres fotográficos que cobrem eventos políticos, sobretudo em Brasília, estão posicionados em espaço destinados a imprensa e utilizam teleobjetivas, o que permite capturar detalhes a distância e tem pouca profundidade de campo, com foco no primeiro plano e achatando os planos.



---

A partir disso observar porque essa imagem repercutiu e incomodou tanto, uma possibilidade porque ela sugere que o presidente foi alvo de um tiro (especificamente no coração), já que o trincado do vidro tem tal formato e, assim, metaforicamente, ele foi atingido pelos atos violentos ocorridos no dia 8 de janeiro ou até poderia ser futuramente. Importante observar a crítica feita pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, divulgada em 19 de janeiro de 2023 e publicada pela Folha de São Paulo:

É lamentável que o jornal Folha de S. Paulo tenha produzido e veiculado uma imagem não jornalística sugerindo violência contra o presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, no contexto dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro. Trata-se de uma montagem, por não retratar nenhum momento que tenha acontecido (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2023).<sup>5</sup>

Além da análise da fotografia em si e da nota do governo, também é necessário analisar a repercussão que esta imagem teve, sobretudo nas redes sociais, para tal, utiliza-se da cartografia, partindo das características do rizoma através do princípio da cartografia, desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p. 30) que indicam que o mapa representa uma realidade em um dado momento, visto que “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Assim, é possível estudar ambientes, mesmo que virtuais, para conhecer as opiniões das pessoas acerca das diversas situações. Essa forma de análise visa acompanhar um processo de algo que acontece, Laura Barros e Virgínia Kastrup (2015, p. 57) explicam que “o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”. Nesta pesquisa, serão analisados elementos do ciberespaço, já que através da internet temos novos sentidos territoriais já que estamos imersos nos fluxos de informação e experiências da rede que tem uma estrutura rizomática pelas múltiplas conexões e camadas que esta propicia e está em constante mudança, com hastes que se interconectam.

Já que a repercussão da imagem se deu, sobretudo, nas redes sociais, foi necessário mapear esse território para observar o vasto número de comentários elaborados. Foi escolhida a rede social Instagram, que “tem uma estrutura rizomática, já que permite a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/governo-lula-critica-foto-do-presidente-publicada-pela-folha.shtml> Acesso em: 03 ago. 2023.



expansão, a produção de conteúdos, a conexão entre indivíduos, as várias entradas, as multiplicidades de informações, [...] onde os conteúdos fluem e estão em ‘velocidade’” (TOREZANI, 2022, p. 120). Entre os dias 18 e 19 de janeiro, através de três publicações acerca da foto no perfil de Gabriela Biló (@gabriela.bilo) há 6.491 comentários e no perfil @folhadespaulo há 3.169 comentários<sup>6</sup> (até o dia 03 de agosto de 2023) entre elogios e críticas a essa imagem especificamente. Ao mapear as opiniões das pessoas sobre a fotografia de Biló, visto que muitos perfis reproduziram a imagem e discutiram sobre a cena, especialmente de profissionais da fotografia, deste grupo que foram escolhidas, de forma não-probabilística, três publicações que abrem os debates e que foram selecionados por apresentarem posições contrárias quanto a leitura da imagem, sobretudo entre ser uma imagem fotojornalística ou uma fotoilustração. A ordem apresentada abaixo é devido a uma possível ordem das publicações no Instagram, visto que é um espaço de fluxos intemporais, além da publicação de uma revista da área de fotografia.

A primeira publicação selecionada foi feita por Eder Chiodetto, fotógrafo, curador e pesquisador de fotografia, publicada em 19 de janeiro de 2023, no perfil @ederchiodetto, recebeu 651 comentários (até o dia 03 de agosto de 2023), onde afirma que toda fotografia passa pelas decisões estéticas e ideológicas de quem faz, considerou que a imagem de Biló é uma ilustração, não fotojornalismo, tendo feito uma crônica com a montagem da cena, ainda questiona a posição da Folha de São Paulo em publicar tal imagem criando um “shownalismo” que amplia o caos iniciado em 8 de janeiro com o vandalismo em Brasília.

O fotojornalismo, atividade ligada à reportagem, tem historicamente a função de reportar visualmente os fatos para o leitor. É uma forma de transportar esse leitor para o interior dos eventos noticiosos. Sim, sabemos que toda fotografia é e sempre será uma interpretação que pouco guarda de similaridade com o fato em si. Ao fotógrafo cabe a escolha do ângulo, do foco, da luminosidade, do contraste, do recorte, etc. E, sobretudo, pensar todo entorno da cena que será ocultado em privilégio de um detalhe, um gesto. Logo, toda fotografia sempre é o fruto da decisão estética, ideológica e do repertório visual e político do fotógrafo. Não há fotografia isenta de opinião. Vamos combinar que a natureza da geração de imagens já possibilita elementos mais que suficientes para que fotógrafes moldem a expressão daquilo que fotografam como entenderem que devem a partir de seus princípios. Obstante a isso, Gabriela Biló, fotógrafa de grande desenvoltura, com mais de 65 mil seguidores no insta, sentiu-se impelida a usar uma dupla exposição para reunir na mesma imagem um retrato do presidente Lula com a vidraça do Palácio do Planalto estilhaçada pelos terroristas. Esse gesto, por si só, tira a imagem da natureza do fotojornalismo e a desloca para o âmbito da ilustração.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnmxE3POrSs/> Acesso em: 03 ago. 2023.

Colagem, montagem, justaposição, são práticas de artistas e ilustradores, não de fotojornalistas. Logo, tal artifício desloca Biló da função de repórter e a coloca como cronista, articulista, ilustradora, editorialista, funções que na redação da Folha - na qual trabalhei 13 anos (1991 a 2004), sendo 09 anos como editor de fotografia - têm liberdade para expressar opiniões próprias à revelia da linha editorial (só em tese, sabemos). Que Biló deseje ultrapassar limites éticos e estéticos à revelia das normas que regem a prática do fotojornalismo, na ânsia de ser, talvez, uma artista, é uma questão dela. O problema está na Folha em bancar essa atitude. A mesma Folha que demitiu a voz dissidente de Jânio de Freitas e se lançou em mais num factóide burlesco ao criar a nomenclatura da “PEC da ganância” para a PEC da Transição, numa falta total de sensibilidade com o contexto. (Continua abaixo) Logo, a escolha editorial de estampar a imagem-ilustração de Biló na 1ª página - decisão que passa pela direção do veículo, como vivenciei em 09 anos na função que me era devida - é só mais uma que vem dentro dessa lógica de fazer “shownalismo” de crítica ao governo que ainda está começando. Uma imagem dúbia de gosto suspeito que amplifica possibilidades interpretativas à direita e à esquerda, com a intenção de “lacrar”, momentos após o país passar por uma tentativa de golpe, não é o jornalismo que queremos ou precisamos. No lugar de suscitar o debate, se contenta em por fogo no circo num momento tão complexo para a democracia. Essa imagem na 1ª página também não pode ser vista fora de contexto pois isso pode levar a ilusão de leituras softs tipo “Lula está blindado”, “Lula inatingível” e outras que circulam por aqui. A imagem é código aberto a interpretações, mas deve ser lida sob a luz da linha editorial tortuosa que a Folha adotou nos últimos tempos. Saudade do Otavinho, o OFF, sempre tão ponderado e cuidadoso na linha editorial do jornal, ainda que sujeito a erros. Para resumir, esse caso parece espelhar de forma canhestra o 08 de janeiro. A repórter fotográfica fez o ataque, mas a pena maior deve ser imputada a quem patrocinou e legitimou tal ato (CHIODETTO, 2023).<sup>7</sup>

Como o próprio Chiodetto aponta, a imagem está aberta a interpretações e nesse ponto que gerou tanta análise, sobre a posição do governo e de Lula como está blindado, ser inatingível ou que foi atingido e, ainda, que poderá ser alvejado, já que uma das leituras da cena propõe a violência, para além da expressão alegre que sugere que está tranquilo, assim poderia ser um aceno a ideias fascistas que perpassam no país e está de acordo com as questões editoriais da Folha de São Paulo, já que é uma imagem agressiva contra Lula com uma pulsão destrutiva. No dia seguinte, em 20 de janeiro, Chiodetto publica um outro texto fazendo um repúdio as ofensas que Biló recebeu no período, tendo em vista que foram intensas e tóxicas, ainda mais por desqualificar sua trajetória profissional. “Gabriela é de uma nova geração de fotógrafes que chegou para questionar os limites da linguagem, usam fotografia, vídeo, botam a cara nas redes para espernear sobre regras, machismo, racismo, etc. [...] Minha solidariedade a profissional” (CHIODETTO, 2023).<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnmxE3P0rSs/> Acesso em: 03 ago. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnpxXPvPpGJ/> Acesso em: 03 ago. 2023.

---

A segunda publicação escolhida foi feita por Agda Aquino, jornalista, professora, fotógrafa e pesquisadora de fotografia, publicada em 19 de janeiro de 2023, ao comentar a publicação de Gabriela Biló no Instagram (quando faz um vídeo explicando sobre a imagem). Aquino, através do seu perfil @agdaaquino, elogia o trabalho da fotógrafa por ser autoral, criativo e inovador, com uma marca específica de fazer imagens das situações com a interpretação e análise pessoal dos fatos. Além disso aponta uma camada de leitura sobre os ataques sofridos pela fotógrafa, ocorrendo também por ser uma mulher, observa que se fosse um homem não teria o mesmo tratamento. Essa postagem de Aquino também recebeu comentários entre palavras de apoio e de oposição, em que a leitura da foto vai além do que está exposto na cena, pois habita o campo da interpretação, da metáfora e da síntese de uma série de acontecimentos nos primeiros dias do novo governo federal, que vai da tentativa de golpe à investigação dos atos e a resolução da destruição dos prédios com uma certa expressão de tranquilidade do presidente.

Você é um dos profissionais de fotojornalismo mais brilhantes da nossa história. Eu como fotógrafa, fotojornalista e professora de fotojornalismo há 16 anos vejo com alegria e entusiasmo o seu fotojornalismo autoral, criativo e artístico. A fotografia, em qualquer esfera, é obra artística, isso é fato. O uso da dupla exposição só fortalece sua identidade e assinatura fotográficas. Em nenhum momento o seu registro perde o valor de documento atrelado ao jornalismo, muito pelo contrário, traz frescor, jovialidade e inovação - algo necessário para o jornalismo sempre! O uso que as empresas de jornalismo ou outros contextos informacionais fazem das suas imagens foge ao seu controle. Não podemos admitir agressões a você e ao seu trabalho sensacional. Tenho certeza que se fosse um fotógrafo homem as ofensivas contra você não chegariam dessa forma (AQUINO, 2023).<sup>9</sup>

A terceira publicação selecionada foi feita por José Afonso da Silva Junior, fotógrafo, jornalista, professor e pesquisador de fotografia, publicada em 20 de janeiro de 2023, no perfil @ze\_afonso\_jr, que expõe que o problema não é sobre a técnica da imagem, mas por mostrar Lula com o vidro trincado e que resiste ao ato violento em Brasília e vai além ao apontar uma visão conservadora do fotojornalismo do que pode ou não ser visto.

Uma semana atrás. A mesma fotógrafa, @gabriela.bilo, a mesma técnica, o mesmo jornal. Não vi, li, nem me lembro de debates sobre a “ética” do fotojornalismo na imagem sobreposta de Marina Silva com uma árvore. Onde

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnnEDdgOH3n/> Acesso em: 07 ago. 2023.

está, de fato, o problema com a imagem de Lula com o vidro trincado? (Passa pra direita pra ver). O problema não é sobre a técnica da imagem. É sobre o personagem trincado/ ou violado/ ou que resiste ao obsceno do ato violento. É sobre uma visão esclerosada, conservadora e reacionária do fotojornalismo, que não pode fazer perguntas e tem que abaixar a cabeça pra objetividade dos fatos. Ou a pergunta cabe somente ao texto? Como se os fatos fossem neutros, como se as fotografias de notícia antes de informar, não fossem informadas pela intencionalidade editorial. Como, ao apontar os dedos para a foto de [@gabriela.bilo](#) não perceber os recibos passados à quente. O que incomoda é o choque da clareza visual sobre um imaginário opaco. Dizer “pode” ou “não pode” no fotojornalismo acusa o golpe. A frágil democracia, o medo de “dar ideia”, ou ignorância que a foto-ilustração-montagem é uma técnica que acompanha a própria história da fotografia. Vide as barbaridades que Veja, Istoé, Carta Capital fazem com as mesmíssimas técnicas. A foto de Lula por Biló desnuda a disputa sobre o que é “adequado” ao fotojornalismo. É sobre qual e que tipo de violência queremos ver ou aceitamos modelar como massinha para encaixar na nossa visão de mundo. É um ato de colonização sobre o que pode ser visto, ou não, moralizar o visual. Marina Silva sobreposta com árvores, pode. Lula trincado, não. O mais importante é o que a imagem de Lula mostra? Ou o que ela ainda pode ser? É isso assusta muito para quem pensa, ainda, o mundo e suas imagens de acordo com a nomenclatura segundo a qual foram adestrados. Por que as imagens são como são? Como elas aparecem e causam? O que elas ainda podem ser com o passar do tempo? Ou é mais fácil apontar dedos para moralizar fenômenos estéticos interessantíssimos como o que foi plasmado pela fotografia de Biló? Que é a verdade? Quem são seus donos? A fotografia mente? Ou por que esse problema é só da imagem e não do texto dos jornais? (SILVA JUNIOR, 2023).<sup>10</sup>

A publicação de José Afonso da Silva Junior recebeu 48 comentários (até o dia 03 de agosto de 2023), a maioria apoiando o posicionamento, tendo em vista que difere de tantas outras postagens, já que observa sobre outro ângulo e compara com a fotografia publicada da ministra Marina Silva também feita com dupla exposição e indica que não houve debate sobre esta imagem. Observa que o problema não está na técnica fotográfica, mas na figura de Lula diante do contexto do início de seu terceiro mandato após uma eleição complexa no ano anterior que dividiu o país. Analisa, ainda, a objetividade no fotojornalismo, tendo em vista as linhas editoriais e suas intenções presentes em todos os veículos de comunicação. Questiona abrindo o debate sobre a foto em si, como uma imagem incomoda, o que simbolizará no futuro, o que é a verdade, quem a constrói e qual a relação da imagem com o texto. Entende a criação imagética como fenômeno estético que possui clareza visual. Nos comentários recebidos muitos concordam com a postagem, inclusive alegam que os vândalos não precisam de uma imagem desta para acionar os

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CnpLKnpLuf-1yGmVE2Q98P3AZhHJPT6u6yys8AA0/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CnpLKnpLuf-1yGmVE2Q98P3AZhHJPT6u6yys8AA0/?img_index=2) Acesso em: 03 ago. 2023.

seus atos violentos. Mas alguns comentários discordam dessa ideia, mais uma vez atacando a fotografia pela imagem produzida.

A quarta publicação escolhida foi feita por Simonetta Persichetti (2023), fotógrafa, curadora, crítica, professora e pesquisadora de fotografia, através do texto “Não, não é fotojornalismo”, publicado pela revista Unicaphoto, do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco, em 18 de maio de 2023. Persichetti (2023, p. 125) elucida que a construção de toda fotografia é um ato político, ou seja, não há um olhar ingênuo sobre o mundo, pois é sempre carregado de intencionalidades e aborda o papel do fotojornalismo na nossa sociedade, que é de noticiar as ocorrências que servem a coletividade, tendo em vista que “nenhuma imagem é unívoca ou tem apenas uma interpretação, mas a decodificação de seus códigos depende do momento sócio-histórico vivido”. Ao abordar o contexto histórico, a curadora aborda a tentativa de golpe a partir da destruição dos prédios, já que o grupo opositor não aceitou o resultado das eleições presidenciais de 2022 e, ainda menos, a posse de Lula em 2023.

Persichetti aponta que o fotojornalismo contemporâneo, a partir de 1990, quando também se inicia o uso de equipamentos digitais para a produção de registros fotojornalísticos, se busca a “expressividade criativa” que, por vezes, cria, discussões pela forma como as imagens são apresentadas, mas não enriquece o debate sobre a função do fotojornalismo. Voltando a imagem, a autora questiona:

Em que momento sócio-histórico se dá a publicação da referida imagem? O de uma eleição conturbada e da tentativa de golpe acontecida no dia 8 de janeiro, além do recrudescimento das *fake news* do sentimento de sermos enganados e vilipendiados pelas notícias ou pela falta delas. [...] Não se trata aqui de usar técnicas, mas se trata aqui de encaminhar o pensamento para algo que de fato não existiu. Manipular uma fotografia não é usar editores de imagem, é alterar seu sentido. A escolha criativa se dá na gramática que você utiliza para apresentar um fato e não na sua distorção. Todo jornalista – e, sim, o fotojornalista é antes de mais nada um jornalista e não um artista – é sim responsável por aquilo que torna público e não pode se isentar afirmando que cada um interpreta como quer (PERSICHETTI, 2023, p. 125).

O posicionamento de Persichetti é contrário ao de Biló quanto a questão do fotojornalista ser um artista, além de alertar sobre a responsabilidade que (a) o repórter fotográfico tem, já que olha, analisa, acompanha uma situação em seu tempo de ocorrência, seleciona o momento e elabora a fotografia, como público o que vemos são fragmentos dos fatos e que devem sintetizar o acontecimento em si, buscando a melhor

---

maneira de expressá-lo, que para além da intencionalidade da jornalista, há do jornal que publica a imagem.

### **Considerações Finais**

Toda imagem está carregada de opiniões e intencionalidades, sobretudo no fotojornalismo por apresentar visualmente os acontecimentos, pautas de *spot news* e *general news* que, muitas vezes, não apresentam técnicas diferenciadas e tem captura da luz de modo direto, também podem trazer aspectos da fotoilustração e interpretação em sua criação, o que pode incomodar parte das pessoas a depender do conteúdo da imagem.

Neste sentido, a fotografia de Biló gerou tamanha repercussão por apresentar uma imagem de Lula após violentos ataques ao início de seu governo, em que um grupo invade e destrói os prédios que representam o poder político do país, e o modo de ler esta imagem gera várias interpretações, de um lado um presidente que conseguiu resolver tal questão (acionando as medidas legais necessárias a situação) e está tranquilo, do outro lado de um mandato que inicia fragilizado e, ainda, que Lula poderia ser atingido futuramente, já que o trincado do vidro faz alusão a um tiro no peito, ou seja, um ato violento. Assim, a discussão vai para além da técnica de registro, mas do momento político vivido e como uma imagem dessa sintetiza os vários lados da situação, pelas leituras que recebe, questionando o trabalho da fotógrafa, bem como a decisão do veículo em publicar.

Também é importante analisar os ataques recebidos por Biló por esta publicação indicando que ela não poderia fazer a imagem para não alimentar futuros ataques ao governo, além de apontar a questão da misoginia no fotojornalismo de política brasileiro, em que deve ser observado como é o modo de produção do fotojornalismo de política de forma marcante feita por homens, além de colocar todo o peso da situação crítica da troca de governo federal do país em seu trabalho.

Por todos os lados da discussão acerca da foto, observa-se o quanto o país está dividido e quanto uma imagem pode movimentar uma ampla reflexão pelas distintas leituras que permite, tirar da zona de conforto o olhar que busca uma objetividade no jornalismo, atentar para as mudanças que as linguagens tiveram nos últimos tempos por questões sociais e tecnológicas, suscitar um grande debate que trata do perfil editorial do jornal, das escolhas da fotógrafa na interpretação dos fatos ao elaborar suas fotografias, das técnicas fotográficas na construção das imagens e do contexto de produção

---

fotográfica, assim não dá para ver imagens fotojornalísticas da mesma forma que antes, mais do que nunca requer repertório e atenção às opiniões diversas e como isso nos toca e o que representa social e politicamente.

## Referências

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011. (Coleção: Introdução ao Jornalismo; v. 6).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS). Título original: Mille plateaux – capitalisme et schizophrénie 2.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Ed., 1999.
- PERSICHETTI, Simonetta. Não, não é fotojornalismo. **Unicaphoto**, v. 20, n. 20, 18 maio 2023. Disponível em: <https://www1.unicap.br/unicaphoto/> Acesso em: 06 ago 2023.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução de Constancia Eggejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. Título original: La photographie.
- SANTOS, Ana Carolina Lima; SILVA, Benjamim Picado Sousa e. Modos de representação e recepção: o caso da ilustração fotográfica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXI, Natal, 2008. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0605-1.pdf> Acesso em: 25 fev. 2023.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TOREZANI, Julianna Nascimento. **As selfies do Instagram**: os autorretratos na contemporaneidade. Ilhéus, BA: Editus, 2022.
- WANDERLEI, Ludimilla Carvalho. **O trabalhador na fotografia documental**. Curitiba: Appris, 2018.